A Produção dos Fonemas Vocálicos de Alunos Universitários de Língua Francesa: Resultados Parciais

Guilherme Duran, Margarida da Silveira Corsi

Universidade Estadual de Maringá, Brazil

guilherme.duran@uol.com.br

1. Introdução

Já é sabido que dentro do processo de aprendizagem de uma Segunda Língua (L2), a transferência de dados da Língua Materna (LM) é um fator que pode contribuir tanto positiva quanto negativamente (chamada, então, de interferência da LM). Nesse sentido, este artigo visa expor resultados parciais da pesquisa desenvolvida no Projeto de Iniciação Científica intitulado *Estudo comparativo da realização do quadro fonológico vocálico da Língua Francesa em alunos do primeiro e segundo anos do curso de Letras Português/Francês da UEM*, nos anos de 2005 a 2007, em parceria com o Projeto Bivalência¹ e o Grupo de Pesquisa Interação e Escrita no Ensino e Aprendizagem².

Os procedimentos para a análise são os de estudo dos quadros vocálicos do Português Língua Materna (PLM) e Francês Língua Estrangeira (FLE) para submetê-los à Análise Contrastiva (AC) e, destes resultados, fazer a previsão para os erros (que chamaremos a partir de agora de desvios) que os alunos estão sujeitos a cometer. O *corpus* da pesquisa se constitui da gravação do áudio da leitura de uma lista de palavras e um pequeno texto, ambos elaborados por nós para oferecer um material ao mesmo tempo rico em ocorrência dos fonemas a serem analisados e, ao mesmo tempo, breve, para tornar a leitura e outros procedimentos da pesquisa mais viáveis, a fim de obter o maior número possível de informantes. A coleta do *corpus* se deu em dois momentos: o primeiro ocorreu no fim do ano letivo de 2005 e o segundo no fim do ano de 2006, e os informantes foram os mesmos nos dois momentos, o que nos permite averiguar o desenvolvimento real do grupo.

O tratamento do *corpus* se deu através da transcrição fonológica do material de leitura e a transcrição fonética da leitura de cada informante³. Assim, passamos à contagem dos fonemas que eram passíveis de apresentar desvios e analisamos o desempenho de cada informante em cada fonema pronunciado, tendo um balanço percentual de acertos e de desvios, bem como o tipo de desvio ocorrido em cada circunstância. Logo após, fizemos a comparação dos resultados obtidos no primeiro e no segundo ano da pesquisa, descobrindo a porcentagem de acertos e desvios de cada fonema, além do mapeamento da evolução da aprendizagem dos fonemas de FLE.

Os resultados, de uma maneira geral, mostraram que os informantes obtiveram evolução chegando à margem de 10% de acertos no primeiro ano e saltando para 35% no segundo ano, ao passo que as interferências também cresceram, sendo estas de 47% no primeiro ano e de 49% no segundo ano. Com isso, concluímos que a interferência pode aumentar ao mesmo tempo em que a produção correta também cresce, o que nos dá margem para desenvolver a pesquisa durante toda a graduação dos informantes, alcançando resultados capazes de averiguar o comportamento entre PLM e FLE durante todo o processo de

¹ Projeto Bivalência: didática integrada de Francês Língua Estrangeira (FLE) e Português Língua Materna (PLM) é um projeto de extensão desenvolvido desde 1998, no DLE, visando aplicar e investigar as interferências linguísticas da Língua Materna no aprendizado de Língua Estrangeira.

² <http://www.escrita.uem.br/>

³ É importante lembrar que a análise levou em conta a Fonética Articulatória, e não a Acústica.

aprendizagem oferecido no curso de Letras Português e Francês da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

2. Desenvolvimento

Levando em consideração os conceitos de Fonética e Fonologia, Análise Contrastiva, Análise de erros e áreas afins, faremos a descrição do quadro vocálico de PLM e FLE.

QUADRO VOCÁLICO DO FRANCÊS

/i/ anterior, alta , não arredondada, fechada
 /u/ posterior, alta, arredondada, fechada
 /i/ anterior, alta , não arredondada, fechada
 /e/ anterior, média, não arredondada, fechada
 /o/ posterior, média, arredondada, fechada
 /ɛ/ anterior, média, não arredondada, aberta
 /ɔ/posterior, média, arredondada, aberta
 /a/ central, baixa, arredondada, aberta
 /y/ anterior, alta, arredondada, fechada
 /ə/ anterior, baixa, arredondada, meio fechada
 /ø/ anterior, média, arredondada, fechada
 /œ/ anterior, média, arredondada, aberta

Este quadro apresenta o sistema máximo de oposições vocálicas na LF. Ressaltamos que alguns autores utilizam um quadro envolvendo apenas sete vogais, sendo estas essenciais para compreensão lingüística, eliminando as oposições fracas nesta língua. O sistema mínimo é constituído, segundo Furnaletto (1988), da seguinte maneira:

/i /, /y/, /u/
 /e/ - variantes [e], [ɛ]
 /ø/ - variantes [ø], [ə], [œ]
 /o/ - variantes [o], [ɔ]
 /a/ - variantes [a], [ɑ]

Segundo a mesma autora, cerca de 80% das sílabas francesas são abertas, dando estabilidade vocálica, pureza e nitidez articulatória, não permitindo consoantes nasais interferirem na realização destes fonemas.

O quadro vocálico nasal compõe-se dos seguintes fonemas, segundo o quadro proposto por Furnaletto (1988):

	Anterior não arredondada	Anterior Arredondada	Posterior	(arredondada)
Médias	ẽ	œ	õ	ã

Silva (2001) explica que “as línguas naturais não fazem diferenciação entre vogais nasais médias-altas e médias-baixas” (Silva, 2001:91). É importante destacar o caráter distintivo entre orais e nasais na LF porque esta se faz com uma nasalização mínima, além de não sofrerem interferência na pronúncia de consoantes nasais, como ocorre na LP. A vogal nasal

sempre compõe uma sílaba aberta ou fechada por consoante não-nasal, ocorrendo em qualquer posição dentro da sílaba: inicial, medial ou final.

O fonema /œ/ nunca aparece em sílaba aberta acentuada, daí não ser possível apresentar a oposição com seu correspondente. Também levantamos que o fonema /œ̃/ tende a desaparecer em proveito de /ẽ/.

QUADRO VOCÁLICO DO PORTUGUÊS:

/i/ anterior, alta, não arredondada, fechada
 /u/ posterior, alta, arredondada, fechada
 /e/ anterior, média, não arredondada, fechada
 /o/ posterior, média, arredondada, fechada
 /ɛ/ anterior, média, não arredondada, aberta
 /ɔ/ posterior, média, arredondada, aberta
 /a/ central, baixa, arredondada, aberta

Segundo Silva (2001), na LP encontramos três tipos de vogais: pretônicas, tônicas e postônicas, sendo que as postônicas se dividem em mediais e finais. Essa nomenclatura está ligada à posição em que a vogal se encontra na palavra em relação à tônica. Quanto às postônicas finais, são as que se encontram no fim de uma palavra e as mediais ocorrem no meio dela. Esta última é possível apenas quando temos uma palavra proparoxítona. A posição da vogal na palavra influencia na nitidez de sua realização fonêmica, sendo as tônicas mais nítidas que as outras duas.

Quanto às vogais nasais da LP, apresentamos o seguinte esquema:

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não-arred.	Arred.	Não-arred.	Arred.	Não-arred.
Alta		ĩ				ũ
Média		ẽ				õ
Baixa				ã		

3. Análise contrastiva dos sistemas vocálicos da LP e LF

Através da AC, buscaremos enumerar alguns pontos de dificuldade na aprendizagem resultantes das diferenças entre as línguas. Iniciaremos pelas vogais orais:

	LP				LF				
altas	i	()		u	altas	i	y	u	
fechadas	e	()	()	o	fechadas	e	ə	ø	o
médias					médias				
abertas		ɛ	()	ɔ	abertas		ɛ	œ	ɔ
baixas		a			baixas		a		

Podemos perceber que o quadro vocálico da LF contém mais vogais que o da LP. Os fonemas presentes em FLE que não existem em PLM são /ə/, /ø/, /œ/, /y/. Diferenciam-se por serem considerados de dupla articulação: ao mesmo tempo são anteriores e arredondados. Dessa forma, podemos destacar três problemas básicos relacionados a esse fator: percepção e reprodução das vogais estranhas, distribuição e também interferência na prosódia.

Tratemos do caso das vogais anteriores arredondadas da LF. Estas serão, como sugerimos, transpostas, ou substituídas, pelo quadro das anteriores não arredondadas da LP. Assim teremos a substituição da seguinte maneira:

Vogais Francesas	Interferência	Exemplo	Erro provável
/y/	/u/, /i/	Sure - /syR/	[sur], [sir]
/ø/	/o/, /e/	Eux - /ø/	[ew] ⁴ , [o]
/œ/	/ɛ/, /ɔ/	Cœur - /kœR/	[kɔR], [kɛR] ⁵
/ə/	/e/	Je - /jə/	[je]

Podemos perceber que a alternância ocorrida devido à interferência da LM pode ocasionar mudança no significado da palavra, o que pode tornar a compreensão do receptor difícil ou impossível. Outra situação muito importante que devemos nos atentar é que o interlocutor do aluno, na maior parte dos casos, é outro aluno e/ou o professor. Tais oposições não prejudicariam tanto a comunicação entre este grupo, pois tanto falante quanto ouvinte divide essa experiência de percepção da língua. Além disso, este fato pode levar o aluno a fossilizar o erro, pois, como já dito, o aprendiz não depende de FLE para se comunicar ou sobreviver. O uso de FLE é subsidiado por PLM, código comum entre os interlocutores. Por isso é importante levar o aprendiz a perceber nitidamente a importância de uma pronúncia clara e sem interferências.

Tratemos agora das vogais nasais. Em FLE, a realização das vogais é considerada pura e cristalina por que ela não sofre interferências ou influências de consoantes nasais. Quando se trata de uma vogal nasal, esta sempre será realizada como nasal e vice-versa, sendo uma vogal oral, jamais esta se tornará nasal.

Também vimos que há duas possibilidades de nasalação: uma de valor fonológico, distintivo, e outra de valor fonético, por variação regional. Com isso, a interferência possível neste caso é de o aprendiz nasalar, na LF, uma vogal que esteja em uma sílaba fechada por uma consoante nasal. Veja:

LF	LP	Erro provável
Chanter /ʃãte/	Cantar /kã'taR/	/ʃãte/
Banc /bã/	Banco /'bãkU/	/bã/

Apresentadas as estruturas, levantaremos doravante dados sobre a composição e coleta do *corpus*.

O material de análise desta pesquisa compõe-se de gravação de áudio em fitas cassetes da leitura de 23 acadêmicos do curso de Letras com habilitação em LP e LF, feitas no ano de 2005, e a leitura feita pelos mesmos alunos, um ano depois, em 2006, quando estavam cursando o segundo ano da faculdade. O material de leitura que os alunos fizeram quando estavam no primeiro ano foi composto por uma lista de 42 palavras e de um pequeno texto formulado por nós mesmos. O material de leitura preparado para os alunos em 2006 é

⁴ A realização /ew/ pode ocorrer por interferência da grafia da palavra.

⁵ A realização /koɛR/ também é possível de ocorrer, porém não constitui um caso de interferência fonológica, e sim gráfica.

formado de uma lista de 48 palavras mais um texto. Também incluímos um questionário para verificar o desempenho dos alunos durante o processo de aprendizagem da LE.

4. Resultados e discussão

Nesta análise, mostraremos o desempenho dos alunos nos dois momentos de coleta do *corpus*. No primeiro momento, coletado no fim do primeiro ano, temos os seguintes dados:

4.1 Resultados da análise referente ao *corpus* coletado em 2005

4.1.1 Fonema /y/

O arquifonema desta vogal apresenta apenas um alofone. Tendo aparecido no *corpus* 477 vezes, o desempenho dos aprendizes na realização deste fonema foi o seguinte:

Realização correta: 15%

Realização com interferência: 56,9%, sendo a transferência para o fonema /i/ de 2,9% e para o fonema /u/ 54%.

Os alunos não leram 1,6% das ocorrências deste fonema e tiveram 26,5% de erros assistemáticos.

4.1.2 Fonema /ø/

Seu arquifonema é /œ/ e seus alofones são /ø/, /ə/ e /œ/. Ocorreu no *corpus* 209 vezes. Sua realização correta foi de 38,4%, sendo que 28,7% foram realizados com o alofone /ø/, 0,9% foi realizado com o alofone /œ/ e 6,6% foram realizados com o alofone /ə/. Tiveram interferência de 34,4%, sendo que a transferência para o fonema /e/ foi de 26,3% e para o /o/ de 8,1%. Os alunos não leram 0,4% das ocorrências deste fonema. Os desvios assistemáticos somam 26,2% sendo que 2,8% são resultado da interferência da grafia “eu”.

4.1.3 Fonema /œ/

Seu arquifonema é /œ/ e seus alofones são /ø/, /ə/ e /œ/. Ocorreu 224 vezes no *corpus*. Os acertos para este fonema totalizam 17,3%, sendo 10,2% pelo alofone /œ/, 4,9% pelo alofone /ø/ e 2,2% pelo /ə/. As interferências são de 62,8%, sendo 3,1% realizados com /o/, 38,8% com /ε/, 20,9% com /e/, não ocorrendo nenhuma vez em /ɔ/. Quanto a isso, previmos que as interferências de /œ/ ocorreriam com a transferência para /ɔ/ e /ε/. No entanto, as ocorrências foram, como vimos, em /o/, /e/ e /ε/. Os desvios assistemáticos somam 16,9%, sendo que 1,3% ocorreram por interferência da grafia “eu”.

4.1.4 Fonema /ə/

Seu arquifonema é /œ/ e seus alofones são /ø/, /ə/ e /œ/. Ocorreu 525 vezes no *corpus*. As realizações corretas totalizam 2,3%, sendo 2,0 pelo alofone /ə/ e 0,3 pelo /ø/. O alofone /œ/ não ocorreu em nenhuma realização. O número de interferências, neste caso, é um dos maiores registrados nesta pesquisa, dado o fato de /ə/ haver uma realização fraca e os acadêmicos ainda não se habituarem à sua realização. Sendo sua representação gráfica muito semelhante à do fonema /e/, a maior e única interferência foi deste fonema, totalizando 93,3%. Os erros assistemáticos se deram por distração ou nervosismo, visto que a LF possui apenas uma representação gráfica, apenas uma letra para representar o tal fonema: a letra “e”. Estes

somaram 3,7%. Não nos propusemos a analisar as vogais comuns a ambas as línguas porque não encontramos casos de interferência quanto sua realização fônica. Quanto às vogais nasais, como vimos, em LF são quatro: /œ̃/, /ẽ̃/, /ã̃/ e /õ̃/.

4.1.5 Fonema /œ̃/

Devido a sua oposição fraca e seu quase desaparecimento desta modalidade da LF (o fonema ainda persiste em algumas variações da língua), sua realização foi nula durante a aquisição do *corpus*, como veremos: seu arquifonema é /ẽ̃/ e seus alofones são /œ̃/ e /ẽ̃/, ocorrendo 161 vezes. Não foram registradas realizações corretas deste fonema, em nenhum dos alofones. É provável que isso tenha acontecido devido ao nervosismo, já que os acadêmicos mostraram capacidade de realizá-lo ao cometerem os desvios assistemáticos de outros fonemas. Totalizamos 98,8% de desvios assistemáticos e 2,2% não foram realizados. O motivo de este fonema ter sido tão peculiar não pode ser apurado precisamente, no entanto, apostamos que os professores responsáveis pela turma também já não considerem a realização /œ̃/, transferindo suas características distintivas para seu alofone /ẽ̃/. Pensando nisso, pretendemos não contabilizar suas realizações no *corpus* de 2006.

4.1.6 O fonema /ẽ̃/

Seu arquifonema é /ẽ̃/ e seus alofones são /œ̃/ e /ẽ̃/. Ocorreu no *corpus* 404 vezes. O número de realizações corretas é 2,1%, sendo todos pelo alofone /ẽ̃/ e 0% pelo /œ̃/. Ao analisar as interferências, percebemos um evento que não havia sido previsto: os alunos utilizaram o ditongo devido à influência da grafia das palavras em francês, associando à pronúncia da LP. O exemplo a seguir pode ilustrar a questão.

LF	Pronúncia ideal	Pronúncia errônea
Faim	[fẽ̃]	/fẽ̃j/, /fẽ̃j/

É importante ressaltar que a realização /bẽ̃j/ utiliza o sistema de transcrição da LP. Logo, o símbolo empregado não descreve o som /ẽ̃/ (anterior, média-baixa, nasal). O que queremos mostrar é a realização do ditongo nasal /ẽ̃j/. As interferências totalizaram 8,7%, sendo a transferência feita para /en/ e /en/ de 2,3%, e para /ẽj/ e /ẽj/ de 6,4%. Os erros assistemáticos somam 88% e as irrealizações são 1,2%.

4.1.7 Fonema /ã̃/

Seu arquifonema é /ã̃/ e não possui variantes. Sua única possibilidade de realização é /ã̃/. Ao longo do *corpus*, ocorreu 552 vezes. As realizações corretas somam 5,9%. A interferência da LP ocorre na troca de /ã̃/ por /ã/, que totaliza 63,7%. Apesar de este fonema ocorrer em ambientes distintos aos da LP, sua realização não fugiu às regras da LM, nasalando vogais de sílabas fechadas, como explicado na descrição dos fonemas vocálicos nasais de FLE. A quantidade de não realizados é de 0,5%.

4.1.8 Fonema /õ̃/

Seu arquifonema é /õ̃/ e seu único alofone é /õ̃/. Ocorreu no *corpus* 322 vezes e foi realizado com êxito 93,7%, tendo 5,1% de erros assistemáticos e não realizados 1,2%. Pudemos identificar, na primeira parte do *corpus*, outras características de transferência e interferência que não foram relacionadas aqui devido ao enfoque dado ao tema. Porém, reconhecemos também que mesmo dentro do âmbito das vogais não esgotamos todo o conteúdo possível,

limitando-nos apenas às vogais ditas de articulação composta e nasais. Pudemos verificar que as realizações corretas oscilaram de 2,0% a 38%⁶.

4.2 Resultados da análise referente ao *corpus* coletado em 2006

No segundo momento, coletado no fim do segundo ano, temos os seguintes dados:

4.2.1 Fonema /y/

Ocorreu 650 vezes, sendo 46% as realizações corretas. As interferências totalizaram 45,6%, sendo para /i/ 4,1% e para /u/ 41,5%. Não foram realizados 2% e os erros assistemáticos somam 6,4%.

4.2.2 Fonema /ø/

Ocorreu no *corpus* 384 vezes. As realizações corretas somam 50,9%, divididos em 41,1% para o fonema /ø/, 6,2% para o fonema /ə/ e 3,6% para /œ/. As realizações com interferência somam 30,6%, sendo para /o/ 7,2%, para /e/ 23,4%, não ocorrendo nenhum caso para /ɔ/ e para /ɛ/. A quantidade de não realizados totaliza 2,3% e os erros assistemáticos somam 16,2%, sendo que a grafia “eu” foi a causa de 9,6% desta quantia.

4.2.3 Fonema /ə/

Este fonema ocorreu 470 vezes e, no entanto, o acerto foi de apenas 4,2%, sendo que 0,8% foi realizado pelo alofone /ø/, 3,4% pelo /ə/ e 0% pelo /œ/. As interferências totalizam 87%. Por se tratar de um fonema tido como fraco, ou enfraquecido, sua realização pode não acontecer em determinadas palavras, o que não caracteriza a pronúncia como desvio. Para este caso, tivemos 0,2%, e também 0,2% para não realizações que são consideradas desvios. Os erros assistemáticos somam 8,4%.

4.2.4 Fonema /œ/

Ocorreu 260 vezes no *corpus* e o total de acertos são 46,8%, divididos entre os alofones com 14,2% para /ø/, 1,1% para /ə/ e 31,5% para /œ/. As interferências somam 31,8%, sendo para /o/ 6,1%, para /e/ 8,4%, para /ɛ/ 17,3%, não ocorrendo nenhuma vez em /ɔ/. Não foram realizados 0,7% e os erros assistemáticos são de 35,6%, sendo que 0,7% ocorreu devido à interferência da grafia “eu”.

4.2.5 Fonema /ã/

Ocorreu 553 vezes no *corpus* e sua realização correta é de 22,9%. A transferência para /ā/ soma 68,5%. Não foram realizados 0,5% e os erros assistemáticos somam 8,1%.

4.2.6 Fonema /õ/

Sua ocorrência soma 312 vezes e os acertos totalizam 97,1%. Os erros assistemáticos somam 2,3% e os não realizados são 0,6%.

⁶ Houve casos de 0%, como no caso do fonema ã por ser um fonema em declínio tanto na própria LF quanto dentro do padrão de LF ensinado na Universidade, e caso de 98%, como o caso do fonema õ por ter a realização idêntica ao da LP.

4.2.7 Fonema /ẽ/

Ocorreu 456 vezes e os acertos totalizam 6,7%. Não houve realizações pelo alofone /œ̃/. As transferências para LP fizeram com que a pronúncia se transformasse em /ã/, somando 51,7%. Não foram realizados 0,6% e os erros assistemáticos somam 41%.

4.3 Contraste entre os resultados obtidos nos dois anos

Para que melhor entendamos e interpretemos os dados expostos, faremos uma comparação de fonema por fonema:

4.3.1 Fonema /y/

No primeiro ano, a ocorrência foi de 477 vezes e no segundo ano foi de 650 vezes. O número de acertos subiu de 15% para 46%. As interferências foram de 56,9% (sendo 2,9 para /i/ e 54% para /u/) no primeiro ano. No segundo ano tivemos uma queda para 45,6% (sendo que para /i/, a transferência foi de 4,1% para /u/ foi para 41,5%). Os fonemas que não foram realizados subiram de 1,6% para 2% e os erros assistemáticos caíram de 26,5% para 6,4. Através deste fonema podemos perceber que o desenvolvimento do aluno levou-o a um aprimoramento. O espaço de um ano foi suficiente para que os alunos subissem 31% o nível de acertos e diminuísse o número de desvios em 11,3%. Outro valor que cremos haver relevância é o número de erros assistemáticos que caiu 20,1%. Podemos concluir, então, que neste fonema os alunos apresentaram um bom nível de evolução quanto à pronúncia.

Fonema	2005 (477 vezes)	2006 (650 vezes)	
/y/	15%	46%	Realizações corretas
/i/	2,9%	4,1%	Realizações com interferência
/u/	54%	41,5%	Realizações com interferência
NR	1,6%	2%	Não realizadas
EA	26,5%	6,4%	Erros assistemáticos

4.3.2 Fonema /ø/

As ocorrências no texto são no primeiro ano de 209 vezes e no segundo de 384 vezes. Os acertos progrediram de 38,4 (sendo que 28,7% foram realizados com o alofone /ø/, 0,9% foi realizado com o alofone /œ/ e 6,6% foram realizados com o alofone /ə/) para 50,9% (sendo que foram 41,1% para o fonema /ø/, 6,2% para o fonema /ə/ e 3,6% para /œ/). As interferências caíram de 34,4% (sendo que a transferência para o fonema /e/ foi de 26,3% e para o /o/ de 8,1%) para 30,6 (sendo para /o/ 7,2%, para /e/ 23,4%). A quantidade não realizada foi de 0,4% para 2,3. Os erros assistemáticos caíram de 26,2% (sendo 2,8% causado pela grafia “eu”) para 16,2% (sendo 9,6% de interferência da grafia “eu”). Assim, temos os alunos obtiveram uma evolução neste fonema já que a porcentagem de acertos aumentou consideravelmente. As interferências sofreram queda, ainda que pequena, apontando que os alunos também evoluíram quanto a pronúncia de /ø/.

Fonema	2005 (209 vezes)	2006 (384 vezes)	
/ø/	28,7%	41,1%	Realizações corretas
/ə/	6,6%	6,2%	Realizações corretas
/œ/	0,9%	3,6%	Realizações corretas
/o/	8,1%	7,2%	Interferência
/e/	26,3%	23,4%	Interferência
NR	0,4%	2,3%	Não realizados
EA	26,2% (2,8% para “eu”	16,2% (9,6% para “eu”)	Erros assistemáticos

4.3.3 Fonema /ə/

Este fonema ocorreu em 2005 525 vezes e 470 vezes em 2006. As ocorrências corretas subiram de 2,3% (sendo 2,0 pelo alofone /ə/ e 0,3 pelo /ø/ e 0% pelo alofone /œ/) para 4,2% (sendo que 0,8% foi realizado pelo alofone /ø/, 3,4% pelo /ə/ e 0% pelo /œ/). As interferências, como já se esperava, apesar de terem diminuído, ainda continuam muito altas, sendo em 2005 93,3% e em 2006 87%. As ocorrências de não realizações deste fonema, tanto corretas quanto incorretas no primeiro ano são de 0%, enquanto que em 2006 ambas foram de 0,2%. Atribuímos a esses valores o conhecimento por parte do aluno de seu processo de aprendizagem. Por não ter havido ocasiões em que este fonema não fora realizado em 2005, cremos que trata-se de um processo consciente de aprendizagem, em que o aluno conhece uma nova característica fonológica de FLE e tenta empregá-lo em sua leitura. Assim, podemos suspeitar, também, que os não realizados encontrados em posição errada podem não refletir um desvio de pronúncia, e sim, um caso de hipercorreção acionado pelo monitor, hipótese prevista por Krashen em suas teorias. Por acreditar que tal hipótese seja válida, não computamos os valores de NRE somando-os aos EA.

Fonema	2005 (525 vezes)	2006 (470 vezes)	
/ø/	0,3%	0,8%	Realizações corretas
/ə/	2,0%	3,4%	Realizações corretas
/œ/	0%	0%	Realizações corretas
/e/	93,3%	87%	interferência
NRC	0%	0,2%	Não realizados corretos
NRE	0%	0,2%	Não realizados errados
EA	4%	8,4%	Erros assistemáticos

4.3.4 Fonema /œ/

Ocorrendo em 2005 224 vezes e 260 vezes em 2006, este fonema obteve, no primeiro ano da pesquisa, 17,3% de acertos, divididos em 4,9% realizado pelo fonema /ø/, 2,2% realizado pelo /ə/ e 10,2% pelo /œ/. No segundo ano a margem de acertos subiu para 46,8%, sendo que 14,2% ocorreram pelo fonema /ø/, 1,1% pelo /ə/ e 31,5% pelo próprio /œ/. Quanto às interferências, a hipótese era de que ocorreriam influências de /ɛ/ e /ɔ/ por serem abertos e em posição média baixa, assim como o /œ/. No entanto, tivemos realizações com a interferência de /e/ e também de /o/, não ocorrendo nenhuma vez em /ɔ/. Ao analisar o *corpus* da segunda etapa da pesquisa, verificamos que o caso se repete, criando um padrão de desenvolvimento, assim como os outros fonemas. O fonema /ɔ/ continuou não aparecendo como possibilidade de interferência e número dos desvios caíram de 62,8% (sendo 20,9% para /e/, 3,1% para /o/ e 38,8% para /ɛ/) para 31,8% (sendo 8,4% para /e/, 6,1% para /o/ e

17,3% para /ɛ/). Não foram realizados em 2007 a quantidade de 0,7% dos fonemas no segundo ano. Não tivemos casos de não-realização durante o primeiro ano da pesquisa.

Em relação aos erros assistemáticos, estes tiveram 16,9% de ocorrência em 2005, enquanto que em 2006, o número passou do dobro, ocorrendo 35,6%. No primeiro ano, 1,3% dos erros ocorreram devido à grafia “eu”, enquanto que no ano seguinte o valor caiu para 0,7%. Não foi percebido nível de stress durante a coleta do *corpus* ou qualquer outro sinal de alteração no comportamento que possa justificar tais dados. Suspeitamos que o processo de aprendizagem da pronúncia de FLE possa fazer caminhos de evolução e, durante a caminhada, os aprendizes formulam hipóteses erradas a respeito do assunto, o que faz com que todos contribuam para o aumento dos erros assistemáticos.

Fonema	2005 (224 vezes)	2006 (260 vezes)	
/ø/	4,9%	14,2%	realização correta
/ə/	2,2%	1,1%	realização correta
/œ/	10,2%	31,5%	realização correta
/e/	20,9%	8,4%	interferência
/o/	3,1%	6,1%	interferência
/ɛ/	38,8%	17,3%	interferência
/ɔ/	0%	0%	interferência
NR	0%	0,7%	Não realizados
EA	16,9% (1,3% da grafia "eu")	35,6% (0,7% da grafia "eu")	Erros assistemáticos

Antes de começar a analisar o contraste entre os resultados dos dois anos entre os fonemas nasais, gostaríamos de lembrar que na segunda etapa da pesquisa, não contabilizamos /œ/, deixando suas características distintivas para seu alofone /ɛ/. Isso quer dizer que o número de acertos em /ɛ/ pode não refletir justamente as realizações de /œ/, mas também de /œ/, considerando-o como realização correta em /œ/.

4.3.5 Fonema /ɛ/

O fonema acima ocorreu 404 vezes em 2005 e 456 vezes em 2006. Suas realizações corretas subiram de 2,1% para 6,7%, ocorrendo, em ambos os anos, somente pelo alofone /ɛ/. Não pudemos encontrar um padrão de transferência que abrangesse os dois anos, pois em cada etapa, os valores significativos de ocorrência apontam para direções diferentes. Em 2005 tivemos /en/, /ɛn/, /ɛj/ e /ɛj/, com 2,3% para o primeiro par e 6,4% para o segundo par. Este padrão não se repetiu em 2006, pois a transferência ocorreu para /ã/, sendo um total de 51,7% das realizações de interferência. Como o número de acertos é muito baixo, torna-se possível que mesmo subindo a quantidade de acertos, suba também a quantidade de desvios. No entanto, não esperávamos que tal alta fosse acontecer de maneira tão brusca, ultrapassando em 2006 43% da média de 2005.

O número de não realizados caiu de 1,2% para 0,6% e os erros assistemáticos também baixaram de 88% para 41%. Acreditamos que este fonema seja o mais difícil de acompanhar pois verificamos que seus padrões oscilam muito, tanto em dados fixos como as realizações corretas, quanto em dados mutáveis, como o fonema de transferência. Cremos também que, para cada nível de aprendizagem de FLE, hipóteses diferentes devam ser elaboradas, pois as transferências de 2005 estão diretamente relacionadas ao padrão de leitura de PLM, enquanto que, em 2006, os números indicam que os aprendizes começaram a elaborar hipóteses a respeito da leitura em FLE.

Fonema	2005 (404 vezes)	2006 (456 vezes)	
/ẽ/	2,1%	6,7%	Realização correta
/œ/	0%	0%	Realização correta
/en/, /ɛn/	2,3%	-----	Interferência de 2005
/ẽj/, /ɛj/	6,4%	-----	Interferência de 2005
/ã/	-----	51,7%	Interferência de 2006
EA	88%	41%	Erros assistemáticos
NR	1,2%	0,6%	Não realizados

4.3.6 Fonema /ã/

Este fonema ocorreu 552 vezes no *corpus* de 2005 e 553 vezes no *corpus* de 2006. Os dados são os seguintes: o número de realizações subiu de 5,9% para 22,9%. As transferências para /ã/ foram de 63,7% em 2005 para 68,5%, mostrando um aumento também. O número de não realizados continuou o mesmo: 0,5%. Os erros assistemáticos tiveram uma baixa considerável, caindo de 29,9% para 8,1%. Não encontramos qualquer dado ou indício que apontasse para um comportamento evolutivo diferente do esperado dentro do processo de aprendizagem do aluno.

Fonema	2005 (552 vezes)	2006 (553 vezes)	
/ã/	5,90%	22,90%	Realização correta
/ã/	63,70%	68,50%	Interferência
NR	0,50%	0,50%	Não realizados
EA	29,90%	8,10%	Erros assistemáticos

4.3.7 Fonema /õ/

Este fonema não apresenta dificuldades de produção e realização fonética. Dado esse fato, os dados encontrados nesta pesquisa são bastante satisfatórios. O fonema /õ/ ocorreu 322 vezes em 2005 e 312 vezes em 2006. O nível de acerto teve uma leve alta de 93,7% para 97,1%. Acreditamos que o aumento tenha dado graças à diminuição de ocorrências de erros assistemáticos e não realizados. Temos 5,1% de erros assistemáticos em 2005 e 2,3% em 2006. Os não realizados caem de 1,2% para 0,6%.

Fonema	2005 (322 vezes)	2006 (312 vezes)	
/õ/	93,7%	97,1%	Realização correta
EA	5,1%	2,3%	Erros assistemáticos
NR	1,2%	0,6%	Não realizados

De uma maneira sintética, podemos dizer que, das 2.874 realizações fônicas analisadas na parte do *corpus* de 2005, registramos 1.353 fones com interferência da LM, ou seja, 47% dos fones realizados nesta parcela do material pesquisado possuem traços de interferência. Foram realizados corretamente 293 fonemas, o que equivale a 10%.

Os dados gerais sobre a segunda parte do *corpus*, referente ao ano de 2006 mostram que das 3.085 realizações fônicas analisadas, registramos 1.521 fones com interferência da LM, ou seja, 49% dos fones realizados nesta pesquisa possuem traços de interferência. Ao comparar com os dados da primeira parte do *corpus*, temos que as interferências aumentaram um pouco, já que tiveram, em 2005, 47% de interferências. Pudemos verificar também que os fonemas que foram realizados de forma correta somam 1094, o que corresponde a 35%, número maior que o encontrado em 2005, contando apenas com 10%.

Fonemas analisados em 2005	Fonemas analisados em 2006	
2874	3085	Total
1353 (47%)	1521 (49%)	Interferência da LM
293 (10%)	1094 (35%)	Realizados corretamente

Partindo deste panorama geral, supomos que de fato os aprendizes de FLE participam de um processo longo de aprendizagem até que estejam aptos à realização fonética. Isso não quer dizer que os torna menos capazes em FLE, pois estão ainda no início da jornada. Se o padrão se mantiver subindo cerca de 25% dos fonemas corretos realizados, poderíamos concluir que até o fim do curso eles atingiriam os 100%. No entanto, sabemos que a probabilidade de isso acontecer é muito baixa, visto que durante todo o processo, os aprendizes podem fossilizar a pronúncia de algum fonema de maneira incorreta, já que FLE ocupa o lugar de L2.

5. Conclusão

O processo de aprendizagem de uma segunda língua que o aprendiz adulto se submete está suscetível às interferências de sua LM. Esta pode influenciar, como vimos, de maneira a colaborar com tal processo, transferindo dados equivalentes a ambas as línguas; e também pode interferir na aprendizagem quando o aprendiz aplica as estruturas de sua LM na língua-alvo, o que dificulta seu desenvolvimento.

Gostaríamos de ressaltar, também, que é de extrema importância que o professor de LE conheça bem tanto a LE em que ministra aulas quanto sua própria LM. Dessa maneira, o profissional poderá orientar melhor seus alunos durante esse processo, pois o aprendiz pode, por falta de instrução e exposição adequada aos *inputs*, fossilizar uma estrutura errônea devido à interferência de sua LM que não tenha sido identificada para que seja corrigida.

Quanto à análise, verificamos que, de fato, a interferência da LM no processo de aprendizagem de uma segunda língua existe. No plano das vogais, percebemos que sua ação pode prejudicar, e até mesmo tornar ininteligível, a mensagem que o falante aprendiz deseja passar em seu discurso.

Podemos concluir também, observando o valor geral que a semelhança entre as línguas facilita a aprendizagem por um lado e, por outro, coloca obstáculos que podem ser superados apenas com uma boa orientação de um profissional qualificado. Nesta pesquisa não pudemos diagnosticar qualquer tipo de fossilização, pois se considerarmos que o aluno entra no curso com 0%, no fim do primeiro ano ele chega a 10% e no fim do segundo ele atinge a marca de 35%, podemos ver que houve uma progressão no conhecimento e articulação da pronúncia das vogais. Tal crescimento reflete o trabalho do professor em sala de aula. Não podemos dizer se esse aumento foi bastante ou pouco, apenas sabemos que foi bom. No entanto, sabemos que o desempenho dos alunos poderia ter sido diferente se eles fizessem o uso adequado do Laboratório Áudio-visual de Apoio Pedagógico (LAAP) e se dedicassem pelo menos 40 minutos ao estudo da LF.

Bibliografia

- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. 2nd ed. São Paulo: Martins Fontes.
 Bakhtin, M. (1988). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4.ed. São Paulo. Hucitec.

- Bohn, H. I. (1988). *Linguística Aplicada*. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de Linguística Aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 11-39). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Cagliari, L. C. (2002). *Análise fonológica: Introdução à teoria e prática com especial destaque para modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras.
- Callou, D., & Leite, Y. (1990). *Iniciação à fonética e à fonologia*. 2nd ed. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
- Camara Jr, M. (1984). *Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa*. Ed. 11. Petrópolis: Vozes.
- Carioni, L. (1988). Aquisição de segunda língua: A teoria de Krashen. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 50-74). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Chao, Y. R. (1977). *Língua e sistemas simbólicos*. Companhia Editorial Nacional. São Paulo.
- Charliac, L., & Motron, A.-C. (1998). *Phonétique progressive du français: Avec 600 exercices*. CLE International. São Paulo.
- Costa, W. C. (1988). Tradução e ensino de línguas. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 282-290). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Durão, A. B. A. B. (1999). *Análisis de errores e interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. Londrina: Ed. UEL.
- Fonseca, O. (1973). Três fonemas do sistema francês: Algumas considerações e conseqüências pedagógicas. *Revista de Letras*, 15, 205-112.
- Furnaletto, M. M. (1988). Francês e português – contrastes e interferências no plano fonológico. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 166-209). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Geraldi, J. W. (2002). *Portos de passagem*. 4. Ed. Martins Fontes. São Paulo.
- Gomes, E. J. (2004). *A regência dos verbos falar, sonhar, agradecer, pensar, colaborar protestar do português e do francês sob a ótica da Linguística Contrastiva*. Unpublished Master's thesis, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brazil.
- Gonçalves, A. M. Z. (1980). *Escolha do livro-texto de língua estrangeira: Contribuições lingüísticas*. Unpublished Master's thesis, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil.
- Grevisse, M. (1969). *Précis de grammaire française*. Paris: Éditions Duculot.
- Kato, M. A. (1988). Uma taxonomia de similaridade e contraste entre línguas. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 118-139). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Lado, R. (1971). *Introdução à linguística aplicada: Linguística aplicada para professores de línguas*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Le Robert Dictionnaire D'aujourd'hui (1992). Paris: Dictionnaires Le Robert.
- Monique, L. (1973). Exercices systematiques de prononciation française. *Revista de Letras*, 15, 224-225.
- Netto, W. F. (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.
- Quintanilha, T. M. R. (1988). Fluência oral. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 270-280). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Ribas, A. T. M., & Gomes, E. J. (2003). L'alternance Portugais Langue Maternelle (PLM) et Français Langue Étrangère (FLE): Une voie d'apprentissage à double sens. In J. C da Cunha (Ed.), *Revue de didactologie des langues-cultures 4* (pp. 37-48). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ribas, A. T. M., & Gomes, E. J. (2006). *Relação língua materna/língua estrangeira: Historicidade e conceitualização de alternância de códigos lingüísticos e interlíngua*. Maringá: Eduem.

- Romualdo, E. C. (2005). Elementos de fonética, fonologia e algumas questões relacionadas à alfabetização. In A. R. dos Santos, & L. C. B. Ritter (Eds.), *Alfabetização e linguagem 17* (pp. 101-129). Maringá: Eduem.
- Saussure, F. (1987). *Curso de lingüística geral*. 13 ed. São Paulo: Editora Cultrix.
- Schmitz, J. R. (1988). Análise contrastiva. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 95-116). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Scliar-Cabral, L. (1988). Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aquisição sistemática das segundas línguas. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 40-49). Florianópolis: Editora da UFSC.
- Silva, T. C. (2001). *Fonética e fonologia do português: Roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto.
- Silveira, R. C. P. da. (1986). *Estudos de fonologia portuguesa*. São Paulo: Cortez.
- Vandressen, P. (1988). Lingüística contrastiva e o ensino de línguas estrangeiras. In H. I. Bohn, & P. Vandressen (Eds.), *Tópicos de lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras* (pp. 75-94). Florianópolis: Editora da UFSC.